

Poesia: desaprender a linguagem

Rui Magalhães

I.

Da poesia se pode dizer que é uma palavra que, definitivamente, se desfez da linguagem, que a deixou para trás, ou que lhe passa ao lado. Claro que nenhuma poesia o consegue em absoluto, mas há textos que se aproximam vertiginosamente dessa espécie de silêncio.

Abandonar a linguagem é, também, abandonar as razões (a ordem de razão), abandonar o mundo (a ordem real), abandonar o eu (a ordem da subjectividade), é tocar a indiferenciação sob a forma da diferença radical. Mas é, não menos, abandonar a própria palavra. Quando se abandona a linguagem não se fica com a palavra, mas com o eco do antes da palavra, do que não pode verdadeiramente ser palavra, do que resiste a ser palavra. Este eco que tem a figura de uma palavra – já que só por palavras nos comunicamos (embora, na verdade, a poesia não seja da ordem da comunicação) – é a poesia. O que distingue a poesia da aparência de poesia é a distância em relação à palavra.

É essa a poesia que me interessa, aquela que coexiste com (e que é, frequentemente, abafada por) a poesia “real”, com essa mancha incerta e que habita um mundo mais subtil do que o visível.

II.

A poesia só nasce quando o poeta, por mais miserável que possa ser, deixa de ser esmagado pelo peso do mundo ou pela ilusão de libertação da página. Esses estados permitem enunciar, mas não viver. Ao mesmo tempo, tudo isso, os limites e os desejos, contaminam a enunciação, intensificam-na como mera enunciação, e debilitam a força do escrito. Nem autêntica razão, nem autêntica sensação, tudo acaba submetido a alguma ordem, talvez menos visível, mas também, por isso, mais perigosa.

III.

A poesia não a escrevemos verdadeiramente.

Não acredito numa necessidade absoluta de escrever. A necessidade de escrita é sempre necessidade de uma outra coisa. Que pode manifestar-se (melhor: criar-se) na escrita ou noutra coisa qualquer. O mundo não culmina num livro, mas

um livro pode culminar num mundo. Que perigo esse! Para aquele que o realiza e para os “crentes”.

A mim interessa-me, cada vez mais (creio que foi sempre esse o meu motor), compreender essa outra necessidade e tentar evitar os perigos. Certamente a escrita poética é uma tentação. E seria preciso sublinhar esta palavra. Mas, no meu caso, estou demasiado cheio de mundo (ainda que fracturado por todos os lados), demasiado cheio de razões (ainda que, tanto quanto possível, desconstruídas) para que a escrita poética seja, realmente, mais do que a resposta a uma tentação, seja algo diferente de um prazer linear que responde a um desejo inscrito numa subjectividade marcada pelo *desejo de ser*.

Por isso, definitivamente, não poesia. Como, aliás, não filosofia. Contaminado, neste caso, pelo (desejo de) poético, pela suspeita em relação a todas as ordens de razão, a todos os sistemas. E, também aí, uma subjectividade a impor os seus desejos, as suas fraquezas, a sua plenitude.

IV.

As desconstruções são insuficientes (necessárias, mas insuficientes). Qual o passo além? A inocência da criança nietzschiana! Os poemas de Bashô, o *Tractatus* de Wittgenstein, certas páginas de Hesse e de Quignard.

E, no meio de tudo isto, a infinita hesitação entre o complexo e o simples. Essa eterna ignorância acerca da alternativa entre uma complexidade real e uma complexidade engendrada pela nossa insuficiente razão. Pela precariedade da nossa disponibilidade para abrir, verdadeiramente, os olhos.

Alternativa também – e ainda – entre a pacificação e a exaltação da (eventual) descoberta, da eventual compreensão.

V.

Há uma poesia que nasce na falta de uma palavra silenciosa e subtil, de uma sensação incerta e segura e que, por isso, precisa de compreender, num processo que, muitas vezes, acaba por não ser mais do que um desejo de apropriação. Então, é nos intervalos, nos interstícios, nos lugares onde a linguagem falta – e felizmente esses lugares existem – que algo acontece, às vezes, um vislumbre, uma levíssima aragem quase imperceptível. E isso é tudo!